

A RELAÇÃO PAIS E FILHOS

Marco Aurélio de Patrício Ribeiro

Muitos pais fazem esforços incríveis para manter um bom relacionamento com seus filhos. Muitas vezes com enormes sacrifícios, inclusive financeiros, na ânsia de que, tendo tudo, seus filhos os aprovelem mais. É triste ver pais, muitas vezes, tornarem-se vítimas dos próprios filhos, que pedem cada vez mais e o que lhes é dado nunca é suficiente.

Creio não ser dever dos pais dedicar todos os minutos de sua vida aos filhos, nem todo seu salário mensal, não devem também ser babás nem motoristas deles o dia todo. Não devem permitir que virem noites no computador, nem que falem horas ao telefone. Não devem sentir-se obrigados a motorizá-los aos dezoito anos nem dar-lhes viagens ao estrangeiro aos quinze. Não é dever dos pais pagar festas pomposas de formatura ou casamento. Quando os filhos casam, não é dever dos pais presenteá-los com uma casa ou apartamento para morar.

O que devemos fazer pelos nossos filhos é criar neles um senso de responsabilidade e autoconsideração. Investir na autoestima evitando compará-los com os irmãos, primos ou outros de maior sucesso aparente. Lembre-se de que o excesso de críticas não torna nossos filhos melhores.

Devemos ensiná-los a dizer não e a ter força diante de grupos de pressão. Devemos com nossos filhos corrigi-los no erro sim, sem sentimentos de culpa, mas evitemos usar substantivos negativos tais como: inútil, mal, incompetente e incapaz. Lembre-se de que as crianças têm a mania de tornar-se aquilo que se fala delas.

Temos a obrigação de balancear as críticas negativas com elogios. Caso você tenha dificuldade de usar palavras para exaltar os feitos de seu filho, use o corpo, um sorriso ou uma simples carícia tem um valor

eterno. Lembre-se de que para a criança e o jovem o contato físico é uma expressão marcante.

Os pais devem aos seus filhos uma disciplina coerente e consistente. A criança e o jovem precisam de balizadores disciplinares para sentirem-se amparados na vida, do contrário trarão dentro de si uma profunda sensação de solidão e abandono. Quando os pais dão um não consistente e corretamente, estão dizendo aos filhos que os amam ao ponto de enfrentar a raiva deles a vê-los em apuros.

Os pais devem ensinar a seus filhos a importância do espírito democrático na vida e na política, devem ajudá-los a fugir de toda e qualquer forma de fundamentalismo e ensiná-los a ser tolerantes com os mais velhos, com as pessoas deficientes, com as crianças e principalmente com os mais pobres.

Devemos respeitar o espírito crítico natural do jovem o que o ajudará a criar sua própria personalidade. Devemos respeitar a forma como se relacionam com seu corpo, orientando-os em relação à necessidade de hábitos saudáveis. Devemos afastá-los com toda nossa força de qualquer forma de escravidão, principalmente a das drogas e do álcool.

Os pais devem respeitar a intimidade dos filhos, respeitando seus espaços. As buscas de abertura desses espaços devem ser desejadas, mas sempre através do diálogo e de um espírito mútuo de compreensão. Se isso não é possível, é porque a comunicação vai mal e é aí que se deve investir.

Desenvolva nos seus filhos o hábito de ler. A leitura é uma porta aberta para o mundo, além de um instrumental para toda a vida. Cobre dos filhos que pensem sobre o que leram. Oriente-os que ao lerem, “leiam como quem pergunta”, mantendo uma postura crítica sobre o texto lido, alimentando o que Paulo Freire chamou de “curiosidade epistemológica” que irá auxiliá-los a ler o mundo de uma maneira mais crítica e verdadeira.

Os pais devem ensinar aos filhos valores sólidos sobre os quais vão estruturar sua personalidade, daí a

importância de ensinarmos o respeito aos professores, às leis e à pátria. Dar aos filhos uma formação espiritual é imprescindível.

Nós pais temos que ser exemplo de justiça e honestidade, assim levaremos nossos filhos a indignarem-se com a impunidade e com a corrupção. O maior dever de cada um de nós pais é sermos a própria expressão do que ensinamos. É pelo exemplo que os ensinamentos se solidificam.

Como podemos querer jovens justos e solidários se nós pais não cumprimos nossas promessas, formos arrogantes, desrespeitamos as regras, mentimos, acharmos natural furtar pequenas coisas de hotéis, desrespeitamos o marido ou a esposa com atos ou palavras e principalmente agirmos constantemente como pessoas egoístas?

Uma criança que vê em seu lar o ensinamento e a vivência de um relacionamento pautado pela moral e pela ética com certeza terá fundamentos na sua personalidade para ser um cidadão na sociedade preocupado em viver esses valores. Tentar é preciso. Conheço casais que foram muito bem-sucedidos e contribuíram pela formação que deram a seus filhos para tornar nossa sociedade um espaço melhor para se viver.

O Perigo do Excesso de Cuidado

Proteger os filhos é uma obrigação dos pais. Sem o amparo e a proteção dos adultos, o bebê não consegue sobreviver, pois é indefeso e vulnerável. É normal que, preocupados com a saúde de seus filhos, os pais os proibam de brincar num parque onde animais frequentam. Essa é uma atitude saudável, de proteção. No entanto, alguns pais mandam esterilizar a chupeta do filho de hora em hora; aí você tem um exemplo de proteção exagerada.

Apesar da fragilidade do ser humano ao nascer, ele precisa de liberdade para desenvolver sua autonomia e para descobrir o mundo, aprendendo assim com

o ambiente físico que o cerca e com as pessoas com quem se relaciona.

Por amor, o desejo de que os filhos não sofram é natural nos pais. O problema surge quando, em nome desse desejo, a ação protetora dos pais atrapalha a formação da personalidade dos filhos.

A superindulgência, também conhecida como superproteção, tem a capacidade de impedir que os filhos possam vivenciar momentos de pequenas frustrações durante sua evolução da infância à idade adulta, perdendo a chance de desenvolverem uma personalidade capaz de lidar tanto racionalmente como emocionalmente, com situações de tensão e estresse que com certeza estarão presentes na relação destes com o ambiente social.

O maior problema dos pais superindulgentes é que eles, na ânsia de acertar e no temor de errar, terminam não percebendo que ao fazer tudo pela criança, impedem que ela aprenda a lidar com seus próprios erros e com as frustrações que o mundo lhe impõe e que com certeza serão crescentes na medida em que for chegando a idade adulta.

Aprender a lidar com frustrações é fundamental no processo de crescimento e desenvolvimento do caráter e da personalidade. Na maioria dos casos é importante que os desafios sejam enfrentados por conta própria para estimular o raciocínio e a autonomia. Os pais devem sim estar abertos a apoiar seus filhos nos momentos difíceis da vida, mas necessitam incentivar que eles ajam, encorajando-os seja na tarefa de casa ou nos problemas de relacionamento com amigos.

Os pais adotivos ou que têm idade avançada tendem a ser mais superindulgentes; os pais de filhos únicos ou que nasceram prematuros também. Crianças criadas por avós estão diretamente sujeitas a superproteção. É comum que o excesso de amor aí presente retarde ou incapacite a criança de amadurecer para que chegue à idade adulta com uma personalidade moldada para o enfrentamento do mundo.

Por outro lado, pais ausentes, muitas vezes para amenizar um sentimento de culpa, procuram compensar seus filhos com excesso de zelo ou atendendo todos seus desejos.

Pais que tiram sempre os obstáculos do caminho dos filhos desenvolvem neles uma autoimagem negativa, uma vez que passam a achar que não são capazes de fazer nada, pois seus pais resolvem tudo. Filhos de pais super-protetores tendem ainda a ser cada vez mais exigentes em relação a seus desejos de consumo e posse, tornam-se “donos do mundo” o ponto de dificultarem o respeito às regras na convivência social e de não conseguirem desenvolver a capacidade de compreender que as pessoas podem ver o mundo de uma forma diferente da sua, têm dificuldade em superar o egocentrismo infantil.

As crianças no seu desenvolvimento precisa de balizadores na sua conduta para dar-lhe segurança, portanto, é fundamental que se coloquem limites, que lhes mostrem as regras a serem cumpridas e que há coisas que não podem ser feitas. É aconselhável que desde cedo a criança aprenda a ter algumas responsabilidades, como organizar seu quarto ou a bolsa da escola.

Vivemos um tempo novo, em que o papel da família vem sofrendo mudanças. A busca por liberdade está num crescente nos dias atuais, mas não deve anular a imagem da autoridade, uma autoridade que é parceira e não necessita ser impositora. Fazendo uso do diálogo, devemos mostrar aos nossos filhos que ser parceiro não significa deixá-los fazer tudo que quiserem, nem que seus pais façam tudo por eles. Devemos sim educar nossas crianças para que progressivamente passem a assumir responsabilidades, construindo desta forma uma personalidade equilibrada. Vamos tentar? Alguns pais vêm sendo muito bem-sucedidos.

A Hora de Dizer Não

Sentimentos de indignação e repulsa é o que se vê numa espécie de revolta da sociedade contra os jo-

vens que praticam violência. Por que tanta repulsa? Afinal, na maioria das vezes, tudo começou como uma brincadeira, “coisa da juventude”!

Esses jovens são o produto do que os adultos fizeram deles: inconsequentes, prepotentes, sem limites e confiantes na impunidade que a cada dia parece crescer mais, dando proteção aos “poderosos”.

O respeito às leis e aos outros, a responsabilidade e a formação do caráter não aparecem da noite para o dia. A educação de um cidadão começa antes, quando criancinha. Quando chutava a mãe, a tia, a professora, quando jogava objetos na empregada, nos coleginhas; quando “tudo era coisa de criança” e os limites seriam dados depois.

Conversar, dialogar com a criança? Não havia necessidade. “Isso passa com o tempo” é apenas “uma fase”. E o tempo passou e chegou à adolescência, que também passará. Mas antes o adolescente chegará em casa com jaquetas, tênis de griffe, relógios importados, cds e ninguém perguntará onde os conseguiu e, se perguntarem, aceitarão a resposta de que um colega lhe emprestou ou que achou em algum lugar.

Se chega bêbado em casa, ouve apenas um sermão; se bate o carro da família, a preocupação maior é limpar o nome na polícia, pois é importante manter sua ficha limpa e evitar problemas futuros mais graves.

E a escola o que faz por ele? Muitas vezes, pouca coisa, pois falta apoio das famílias e da sociedade em geral para posturas mais disciplinadoras por parte das instituições de ensino.

Hoje, o aluno pode quase tudo. As leis estão aí para ampará-lo. Quando é reprovado ou expulso da escola por atos de indisciplina, as liminares aparecem rapidamente para corrigir as “injustiças dos professores”. Quando é repreendido pelo professor durante a aula, no dia seguinte ouve seus pais dizendo: “não admito que falem assim com o meu filho. Ele não mente!” Isto é, o mentiroso é o professor.

Quando as notas estão baixas, muitas vezes a transferência para outra escola que não o reprovará é feita com rapidez. Depois de conviver com esse tipo de educação, com essa permissividade, como poderíamos ter adultos responsáveis e de bom caráter?

Ouvimos e dizemos a todo instante: “os jovens de hoje não tem limites”. Muitos não têm mesmo, mas por nossa culpa; nós, pais, que também não sabemos lidar com nossos limites.

O limite é o primeiro passo no caminho de darmos aos nossos jovens uma estrutura de formação sólida para as suas personalidades. Os outros passos são amor, carinho, diálogo; o não firme na hora certa e principalmente o exemplo. Somente assim é que poderemos contribuir para a formação de cidadãos de qualidade. É bom lembrar sempre que a sociedade é constituída por nós mesmos.

Referências Bibliográficas

MALDONADO, Maria Tereza. *Comunicação entre pais e filhos*. Petrópolis—RJ: Vozes, 1998.

NOLTE & HARRIS. *Os adolescentes aprendem o que vivem*. Rio de Janeiro—RJ: Sextante, 2005.

PUIG, Josep Maria. *A construção da personalidade moral*. São Paulo—SP: Ática, 1998.

TAILLE, Yves de La. *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo-SP: Ática, 1998.